

Ativismo das ruas e *on line* dos movimentos pós-2011*

Geoffrey Pleyers**

Resumo:

A importância da internet e das redes sociais na onda de movimentos que animaram o início dos anos de 2010 fascina. Mas pode-se falar de "Revoluções 2.0" ou "Movimentos Facebook"? Três anos depois do início da nova onda de mobilizações, constatamos que: (1) Ao invés do ativismo *on line*, esses movimentos adotaram práticas de ocupação "física" de espaços públicos e urbanos. (2) Enquanto a internet é um espaço virtual global, os usos das redes sociais pelos ativistas ajudaram a construir movimentos nacionais. (3) As redes sociais e a internet não substituíram a imprensa. Quando se articularam a esta última, as mídias alternativas militantes tiveram maior expressão. Estas três constatações não minimizam o impacto das redes sociais para os movimentos. Elas nos convidam a desviar o olhar para a intersecção e a articulação entre participação *on line* e a ação nos espaços públicos das ruas.

Palavras-chave: Movimentos sociais; redes sociais; internet; Facebook.

Street and *online* activism of the post-2011 movements

Abstract:

The importance of the Internet and social networks in the wave of movements at the beginning of the 2010s is fascinating. But can we speak of "Revolutions 2.0" or "Facebook Movements"? Three years after the beginning of the new wave of mobilizations we find that (1) Instead of online activism those movements adopted practices of physically occupying public and urban spaces. (2) While the Internet is a global virtual space, the use of social networks by activists helped construct national movements. (3) Social networks and the Internet did not substitute for the press. Alternative media had a greater impact when it interacted with the mainstream press. These three findings do not minimize the impact of social networks for the movements. Instead, they invite us to look at the intersection and links between online participation and action in the public spaces of the streets.

Keywords: Social movements; social networks; Internet; Facebook.

Introdução

A literatura consagrada aos usos da internet e das redes sociais nos movimentos sociais expandiu-se consideravelmente com as revoluções árabes e os

*Traduzido do francês por Renata Gonçalves.

**Doutor em Sociologia. Pesquisador do Fonds de la Recherche Scientifique (FNRS); professor de sociologia da Université Catholique de Louvain (UCL), em Louvain-La-Neuve, Bélgica; e da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris, França. Pesquisador convidado do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), de julho a setembro de 2013. Autor de *Alter-Globalization. Becoming actors in the global age*. Cambridge: Polity, 2010. End. Eletrônico: Geoffrey.Pleyers@uclouvain.be

movimentos democráticos que marcaram o início dos anos de 2010. Um debate animado e tingido de alta tecnologia se desenvolveu na mesma velocidade que o papel das redes sociais nos movimentos que, por vezes, são denominados “Movimentos Facebook” ou “Revoluções 2.0” (Ghonin, 2012). Três anos depois do início desta onda de mobilizações, constatamos três coisas:

1. O uso da internet não provocou um domínio de ações e movimentos virtuais que teriam substituído as mobilizações nos “espaços físicos”. Ao contrário, desde 2011, a ocupação dos espaços públicos urbanos, e particularmente as simbólicas praças, são centrais para estes movimentos.
2. Enquanto a internet é um espaço virtual global, os usos das redes sociais pelos ativistas contribuíram, sobretudo, para construir movimentos nacionais, e mesmo locais.
3. As redes sociais e a internet não substituíram os meios de comunicação. Quando se articularam a estes, as mídias alternativas militantes tiveram maior visibilidade.

Estas constatações não minimizam o impacto das novas tecnologias e das redes sobre os atores sociais e as sociedades contemporâneas, mas nos convidam a deslocar o olhar para a intersecção e a articulação entre ação *on line* e *off line*, entre participação na internet e nas ruas.

A internet e as redes sociais, incontestavelmente, favoreceram as conexões e a difusão de formas, práticas e mensagens dos movimentos democráticos nos níveis nacional e internacional (Castells, 2012; Gohn, 2013; Pleyers & Glasius, 2013). As mobilizações recentes seriam bem diferentes sem a explosão do número de usuários da internet no mundo árabe, particularmente no Egito (Gerbaudo, 2013); na Rússia (Lonkila, 2012) ou sem os jovens ativistas (Mason, 2012; Olesen, 2013) que difundiram as imagens e as reivindicações no YouTube e no Facebook, “twitando” ao vivo as manifestações, a repressão a elas ou as assembleias dos acampamentos de ativistas. No entanto, para compreender o papel da internet nas “revoluções árabes”, nos movimentos dos *indignados* e *Occupy* ou nos movimentos democráticos na Rússia, na Turquia e no Brasil, é preciso ultrapassar as oposições binárias entre o mundo “virtual” do ciberativismo e o mundo “real” das mobilizações nas ruas e nas praças. Ativismo *on line* e ancoragem territorial, conexões globais e quadros nacionais, usos de mídias alternativas e referências à mídia estão bem mais articulados do que em oposição.

Das redes sociais às praças públicas

As revoluções árabes e a onda de mobilizações no Brasil foram rapidamente qualificadas como “movimentos Facebook”, tanto que as redes sociais apareceram como espaços privilegiados de mobilização, de difusão de informação e de troca de experiências. No entanto, pessoas de todos os lugares quiseram ocupar os espaços públicos para reafirmar o caráter público e político, recolocando o sentido e o repertório das “zonas autônomas temporárias” (Bey, 1997), dos acampamentos dos alter-ativistas (Pleyers, 2010: 37-88) e dos espaços de experiências democráticas. A tal ponto que estes movimentos são doravante identificados com as praças que ocuparam: *Tabrir* no Cairo; *Plaza del Sol* em Madri; *Syntagma* em Atenas; *Gezi* em Istanbul; *Occupy Wall Street* em Nova Iorque ou *Occupy Abay*.

Nestes movimentos, o ativismo *on line* com frequência reforçou a mobilização nas ruas e nas praças, por exemplo, quando a divulgação on line de uma manifestação ou de atividades de um acampamento do *Occupy* permitiram maior visibilidade. Manuel Castells (2012) insiste sobre a importância do “espaço protegido” que constitui a Internet face a regimes autoritários. Este espaço protegido permite construir “redes de indignações”, de onde se pode fazer a passagem do espaço privado e virtual para o espaço público das praças (Khosrokhavar, 2012; Gerbaudo, 2013; Sanchez García, 2013 para as revoluções no mundo árabe). Esta atração da internet não se limita aos regimes ditatoriais. Nas democracias também, as redes sociais facilitam a ressonância das indignações e a passagem ao protesto público: “Faz muito tempo que há este descontentamento no Brasil, isto não é novo. Mas antes, as pessoas não conseguiam se articular. Agora, o fazem por meio da internet”¹.

Porém, multiplicaram-se as “conexões” on line, e estes movimentos também (re)conectaram inúmeros “ativistas on line” com o espaço local de encontros em seus bairros e cidades, lembrando a passagem que a massificação da internet e da globalização em geral certamente não leva “ao fim das fronteiras”. Ao mesmo tempo, em vários acampamentos do *Occupy*, o uso das redes sociais era tão intenso que a experiência subjetiva dos ativistas se forjava tanto nas praças como *on line*.

A interação entre ativismo *on line* e nas praças não está isenta de tensões. Várias etnografias mostram problemas advindos do questionamento de decisões tomadas nas assembleias nas praças, por participantes de grupos de discussões *on line*. Em suas análises das interações na praça e *on line* do *Occupy London Stock Exchange*, Tamsin Murray-Leach e Sean Dean (2014), relatam por

¹Entrevista com uma manifestante no Rio, em 14/08/2013. Ver também Fernandes e Freitas Roseno (2013).

exemplo como a hora da reunião seguinte de um grupo de trabalho decidida pelos participantes presentes na praça foi depois contestada e modificada pelos participantes *on line*, sem que todos aqueles que estavam fisicamente presentes na reunião fossem consultados ou informados. O “clickativismo” é frequentemente denunciado pelos ativistas como uma forma de participação *on line* que não se traduz na vida real e dá a impressão de participar, mesmo com um impacto bastante limitado sobre a sociedade (Cardon, 2010; Morozov 2013). Paulo Gerbraudo (2012) explica que, tanto nas ruas do Cairo como de Nova Iorque, aqueles que ocupam as praças insistem em não serem confundidos com “os que comentam e ‘curtem’ no Facebook” e se mobilizam para “fazer as pessoas saírem da internet”.

Por outro lado, em várias cidades onde surgiram “movimentos das praças” e manifestações democráticas, assistimos à emergência de uma elite transnacional, hiper-conectada mundialmente, mas nem sempre tão ancorada localmente. Estes transmissores ou “brokers” (Tarrow, 2005) e “organizadores de movimentos” apoiam-se no conhecimento adquirido nos movimentos precedentes e nas conexões internacionais, com ativistas bastante ativos na internet. Poucos dias antes das grande manifestações de junho de 2013, por exemplo, organizaram encontros *on line* entre ativistas da praça Geizi de Estambul e ativistas de Porto Alegre e, depois, de São Paulo. Eles consideram que estas conexões são um dos elementos disparadores da onda de manifestações que marcaram o Brasil desde a metade de 2013. A representação que estes “conectores” têm parece fora do prumo com a imensa maioria dos participantes das marchas e das mobilizações, que insistem no caráter local e nacional dos motivos de suas revoltas, e pouco se referem à sua dimensão internacional. Na falta de uma correspondência mais próxima à realidade, o imaginário dessas redes globais interconectadas tornou-se um traço de identidade de uma pequena franja cosmopolita e altamente tecnológica de ativistas-conectores, que circulam de um continente a outro, conectam as mobilizações democráticas, organizam assembleias “mundiais” *on line* graças à plataforma “Mumble” e encontram ampla aceitação junto a jornalistas e alguns pesquisadores estrangeiros.

Redes sociais e movimentos nacionais

A internet permite ultrapassar as fronteiras e dar a volta ao mundo em um click do mouse? Isto nos libera do espaço? O controle da internet e das redes sociais na Tunísia de Ben Ali (Lecomte, 2013) ou na China lembram-nos que a teia não nos permite escapar do território. Mesmo quando nenhum regime o impõe, o uso massivo das redes sociais pelos ativistas dos movimentos contemporâneos sempre contribuíram para “nacionalizar” uma mobilização ou

uma onda de opiniões do que internacionalizá-la². Assim, as redes sociais mais favoreceram a difusão de opiniões, de reivindicações e de repertórios de ação no âmbito nacional.

O uso massivo das redes sociais contribuíram, por exemplo, para criar acampamentos de *indignados* em todas as cidades da Espanha com mais de 30.000 habitantes (Feixa e Perondi, 2013), estabelecendo o caráter nacional de um movimento num país marcado por correntes regionalistas. No México, os estudantes do movimento “#YoSoy132” mobilizaram-se contra o apoio dos dois grandes grupos de televisão a um dos candidatos às eleições presidenciais de 2012. Partindo de uma ação numa universidade do México, este movimento encontrou um eco imediato graças a um vídeo postado no YouTube e nas redes sociais. Essa atração *on line* desembocou em manifestações nas capitais de 32 estados da federação; até então, eram raras as amobilizações que atingiam ao mesmo tempo o norte e o sul do país. Da mesma forma, no Brasil (Fernandes e Freitas Roseno, 2013) o recurso massivo às redes sociais pelos ativistas coexiste com a reivindicação do caráter nacional das mobilizações. Na Europa, a dinâmica dos Fóruns Sociais continentais esgotou-se face à multiplicação de movimentos nacionais contra as políticas de austeridade. Se os movimentos dos anos 2010 partilham algumas dimensões globais (Pleyers e Glasius, 2013), a massificação da internet e de seu uso por ativistas não caminhou junto com o fim das ações e movimentos à escala nacional em benefício dos movimentos globais. Ao contrário, ela é concomitante a um reforço das dimensões nacionais da maioria das mobilizações democráticas.

Redes sociais e mídia

Dominique Cardon e Fabien Granjon (2010) sublinham o papel considerável da internet na “redefinição dos modos de produzir informação e de criticar ao mesmo tempo a maneira como ela é fabricada e a representação do mundo que ela pretende impor”. A influência da mídia em parte está confrontada pela multiplicação de blogs, micro-blogs e outros canais de informação alternativa. Mas estes não substituem a mídia, articulam-se com ela. Gustavo Cardoso (2012)

²Esta constatação não se limita aos movimentos progressistas. O mesmo também vale para as mobilizações claramente menos progressistas. Dentre os quase 1,8 milhões de “Curti” na página do Facebook de apoio a um joalheiro de Nice que matou um dos assaltantes em fuga, 96% são franceses (Origem dos fãs da página do Facebook de “Apoio ao joalheiro de Nice”, em 14 de setembro de 2013, às 9h00. Ver em: <http://feed.krds.fr/post/61295117159/la-realite-sur-les-likes-de-la-page-soutien-au>). Se existe inegavelmente uma barreira linguística, a única realidade da net não é suficiente para explicar porque se é bem mais suscetível a apoiar esta página do Facebook, vivendo na França, no Québec ou na suíça francófona.

lembra que nossa paisagem midiática não está dominada pela internet, mas pela superposição e articulação de diferentes mídias. Para compreender os movimentos contemporâneos e seus usos das novas tecnologias da informação e da comunicação, devemos integrar à análise não somente o papel da mídia clássica, mas também suas interações com as novas mídias.

Esta relação entre mídias alternativas e mídia clássica toma a forma de confronto. As mídias alternativas e as redes sociais abrem espaços de informação alternativa que denunciam a coalizão entre as principais meios de comunicação e as elites econômicas. Na Rússia, os manifestantes rebatizaram a televisão de “caixa para zumbis” e denunciam o controle da informação difundida pelos íntimos do poder. No México, as manifestações do movimento estudantil pela democracia #YoSoy132 não se dirigiram à Praça da Constituição ou ao Palácio presidencial (como quase todas as manifestações no México), mas para a sede do principal consórcio midiático (Televisa), a quem denunciavam a informação partidária em favor de um dos candidatos, futuro vencedor das eleições presidenciais. O mesmo ocorreu no Brasil, em junho de 2013, quando inúmeros ativistas denunciavam a maneira como os jornalistas da Rede Globo de Comunicações cobriam as manifestações e, mais frequentemente, suas promiscuidades com as potências econômicas. Manifestações e ações passaram a ser regularmente organizadas em frente à sede da Globo, em São Paulo.

Para os movimentos do início dos anos de 2010, a interação entre redes sociais e certos meios de comunicação de massa também pretendeu com frequência ampliar algumas mensagens destes últimos. Especialmente porque para o ativismo *on line* e os tweets é a articulação entre redes sociais e meios de comunicação de massa que permite que a informação vinda dos movimentos chegue a uma grande parte da população. Ativistas egípcios postaram na rede dezenas de vídeos curtos da repressão e excessos policiais, mas somente quando veiculadas pelo canal Al-Jaezira estas imagens foram massivamente divulgadas e atingiram as populações das periferias do Cairo (Mason, 2011; Sanchez García, 2012). As reivindicações de alguns milhares de ativistas mobilizados em Nova Iorque e os quatrocentos acampados do *Occupy London Stock Exchange* encontraram espaço até em editoriais de periódicos neoliberais como *Financial Times* (de 21 novembro de 2011) e *The Economists* (26 de novembro de 2011). Mesmo alguns grandes títulos da imprensa chinesa revezam causas apresentadas nas redes sociais: “O circuito dos recursos administrativos não cria buzz algum. Mas desde que postei o anúncio deste procedimento na minha conta Weibo³, a mídia chinesa quis se

³Equivalente chinês do Twitter.

apropriar disso”, explica um ativista contra energia nuclear (Grésillon, 2012: 8). Em alguns casos, as mídias alternativas permitem levar mais rapidamente a informação até os grandes meios de comunicação tradicionais, que em troca dão maior amplitude e legitimidade a esta informação.

Por outro lado, a fronteira entre mídia e mídia participativa tornou-se tênue. Os grande meios de comunicação procuram interagir com as redes sociais dos ativistas, notadamente encorajando observadores ou os próprios ativistas a contribuir com a informação, postando diretamente notícias, imagens ou opiniões para seus sites de cobertura midiática contínua (Bennett e Segerberg, 2012). No sentido inverso, as enquetes e informações dos meios de comunicação também alimentam as redes sociais e *sites* militantes. O movimento mexicano #YoSoy132, por exemplo, difundiu amplamente os resultados da enquete de um jornalista do *The Guardian* (Tuckman, 2012), que revelou documentos detalhando a venda feita pela Televisa, principal grupo de televisão mexicana, de uma matéria midiática favorável àquele que se tornaria o presidente do México.

Entre a vida cotidiana e o engajamento

A separação analítica entre ativismo *on line* e *off line* conduz a uma outra falsa dicotomia, mais profunda, aquela que separa a vida privada e a política. Os trabalhos de psicólogos sociais brasileiros reunidos por Lucia Rabello de Castro (2013) mostraram a que ponto é preciso ultrapassar as clivagens entre vida privada e espaço público para compreender o engajamento dos jovens no Brasil e suas concepções da liberdade (Mattos, 2012).

Participação política é sempre pensada a partir de análises de um espaço público desconectado da vida cotidiana (e da qual a internet faz parte), como se só contassem as ações que encontravam respaldo na política institucional e nos meios de comunicação.

Ora, os movimentos sociais marcaram o início deste decênio misturam profundamente vida privada e engajamento público. Na sua vida cotidiana, inúmeras pessoas encontraram os motivos para sair às ruas. Inúmeros russos indignaram-se depois dos vexames em suas vidas cotidianas e se indignaram diante da corrupção ou face à impunidade de funcionários e da polícia local (Clément, 2011). No Brasil, é o preço e a organização dos transportes públicos que acendeu o pavio da pólvora. Amizade e engajamento estão entrelaçados na difusão viral da informação alternativa, na experiência militante e nos acampamentos dos *indignados*. Esta separação entre o mundo da vida e aquele da cidadania é igualmente questionada pelas formas expressivas de engajamento, muito presentes nos movimentos contemporâneos (Seixas, 2013; Pleyers 2010). Dominique Cardon, especialista em novas tecnologias da informação e da comunicação, salienta que

experiência pessoal e expressão de si são partes integrantes de um engajamento que “não precisa mais ‘sair de si’, como supunha a figura do militante pronto a sacrificar sua vida privada para se dedicar ao interesse geral” (Cardon, 2010: 72).

Se existe uma mídia que mistura vida privada e engajamento público e oferece uma plataforma a este individualismo expressivo, tal são as redes sociais. Nas páginas do Facebook ou de seu equivalente russo Vkontakte, jovens engajados nas mobilizações no Brasil ou em Moscou, fotos dos exageros policiais contra manifestantes aparecem na sequência das fotos das baladas entre amigos, das opiniões sobre a democracia no Brasil, das mensagens pessoais. Trata-se, sem dúvida, de uma das razões pelas quais estes jovens mobilizados investem mais em Twitter, Facebook⁴ e em suas declinações nacionais do que em softwares livres (e bem performáticos) criados por experientes militantes-informáticos para facilitar a organização dos movimentos, a difusão das informações ou a manutenção de assembleias virtuais e participativas.

A análise dos movimentos contemporâneos deve então considerar as lógicas da ação coletiva e as da “ação conectiva”, mas também e principalmente suas interações. O que conduz a uma grande prudência diante dos excessos do determinismo tecnológico da “internet-centrismo” vigorosamente denunciado por Evgeny Morozov (2011) ou da ideia de que a internet está impregnada por uma “cultura horizontal das redes e da participação” que acabará contaminando e transformando o mundo real.

As subjetividades políticas e os atores dos movimentos sociais de hoje surgem da articulação e fertilização recíproca entre a vida cotidiana e a política, entre o mundo da internet e o das praças públicas, entre as redes sociais e o convívio dos espaços militantes.

Bibliografia

BENNETT, Lance; SEGERBERG, Alexandra (2012). The logic of connective action, *Information, Communication & Society*, 15:5, pp. 739-768.

BEY, Hakim (1997). *TAZ. Zone Autonome Temporaire*. Paris: L'éclat.

BRINGEL, Breno; GOHN Maria da Glória (org.) (2012). *Movimentos sociais na era global*. Rio de Janeiro: Vozes.

CARDON, Dominique (2010). *La démocratie Internet*. Paris: Seuil.

⁴Facebook e Twitter foram muito utilizados quando da primeira revolução egípcia (Gerbaudo, 2012). O efeito mobilizador do Facebook “Somos todos Khaled Said” foi objeto de inúmeros testemunhos (Ghonim, 2012).

- _____ ; GRANJON, Fabien. (2010). *Les médiactivistes*. Paris: Presses de Sciences Po.
- CARDOSO, Gustavo (2012). Networked life world: four dimensions of the cultures of networked belonging. *Observatório*, pp. 197-205.
- CASTELLS, Manuel (2012). *Networks of outrage and hope*. Cambridge: Polity.
- CASTRO Lúcia Rabello; PRADO M.A., MAYORGA C. (org.) (2013). *Juventude e a experiência da política contemporânea*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- CLEMENT, Carine (2012) Mobilisations citoyennes russes. Le quotidien au cœur des protestations. *La vie des idées*, 11 de dezembro.
- FEIXA Carles; PERONDI Mauricio (2013). El peregrino indignado: El Camino de Sol. In: FEIXA Carles & NOFRE Jordi. (org.) *#GeneraciónIndignada*. Topias y Utopias del 15M. Lleida: Milenio, pp. 117-140.
- FERNANDES Edson; FREITAS Roseno Ricardo (2013). *Protesta Brasil: das redes sociais às manifestações de rua*. São Paulo: Prata.
- GERBAUDO Paulo (2012). *The tweets and the streets*. London: Pluto.
- GHONIM W. (2012.) *Revolution 2.0 The Power of the People Is Greater Than the People in Power*. London: Fourth Estate.
- GOHN, Maria da Glória (2013). A revolução será tuitada, *Revista CULT* 169.
- GRÉSILLON, Gabriel (2012). Nucléaire: quand le peuple de Chine se rebiffe. *Les échos*, 26 de junho.
- KHAMIS, Sahar; GOLD Paul; VAUGHN Katherine (2012). Beyond Egypt's "Facebook Revolution" and Syria's "YouTube Uprising". *Arab Media & Society*, n. 15. Disponível em: http://www.arabmediasociety.com/articles/downloads/20120407120519_khamis_gold_vaughn.pdf. Acesso em 13 de outubro de 2013.
- KHOSROKHAVAR, Fhrad (2012). *The New Arab Revolutions that Shook the World*, Boulder: Paradigm.
- LONKILA Markku (2012). *Russian protest on- and offline*. Briefing paper 98. Helsinki: Finnish Institute of International Affairs.
- MASON, Paul (2011). *Why Its Kicking Off Everywhere: The New Global Revolutions*. London: Verso
- MATTOS, Amana (2012). *Liberdade, um problema do nosso tempo: os sentidos de liberdade para os jovens no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas .

- MOROZOV Evgeny (2011). *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom*. Londres: Penguin.
- MURRAY-LEACH Tamsin, DEEL Sean (2014). Occupy London Stock Exchange. In: KALDOR, M.; SELCHOW, S. (org.). *Subterranean politics*. London: Palgrave.
- PLEYERS Geoffrey (2010). *Alter-Globalization. Becoming Actors in the Global Age*. Cambridge: Polity.
- _____; GLASIUS, Marlies (2013). La résonance des mouvements de 2011. *Socio*, vol. 1(2).
- SANCHEZ García José (2013). Tahrir y la cultura del rechazo. In: FEIXA, Carles & NOFRE, Jordi (dir.). *#Generación Indignada*. Lleida : Milenio.
- SILVA, Conceição F. S. (no prelo). *Alternative Political Participation: Brazilian Youth Activism in 'Fluid Collectives'*.
- TARROW, Sydney (2005). *The New Transnational Activism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TUCKMAN, Jo (2012). Computer files link TV dirty tricks to favorite for Mexico presidency. *The Guardian*, 07 de junho.